Torcidas Organizadas para além do futebol e pesquisas para além do texto: notas de uma etnografia multimodal

Organized supporters beyond soccer and research beyond the text: notes from a multimodal ethnography

Roberto Souza Junior[1]
Universidade Federal de São Carlos, Brasil
São Carlos, SP
r.alencarjunior@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-1391-6750

Recebido em: 10 de abril de 2025
Aceito em: 12 de março de 2026

[1] Este artigo é fruto das pesquisas financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processos n.º: 2022/14384-4; 2025/03366-3.

Resumo: Neste artigo discuto a etnografia multimodal como prática e horizonte metodológico a partir da experiência de campo com Torcidas Organizadas que extrapolam o futebol e se constituem também como Escolas de Samba, em São Paulo, Brasil. Ao acompanhar esses coletivos entre arquibancadas e avenidas, busco compreender como suas formas de pertencimentos e sociabilidades se expandem no cotidiano urbano, exigindo, assim, um deslocamento constante do olhar etnográfico em direção a modos mais múltiplos, sensíveis e inventivos de observação e produção do conhecimento. Com base nisso, o texto propõe a insurgência de metodologias comprometidas com deslocamentos etnográficos que atravessam não apenas a experiência em campo, mas também suas formas de confecção, relação e difusão, em diálogo com interdisciplinaridades artísticas como o desenho, a fotografia, o podcast e as produções fílmicas. O audiovisual, nesse contexto, emerge como vetor de interlocução capaz de tensionar a centralidade da escrita acadêmica e reconfigurar as relações entre pesquisador(a), interlocutores e formatos de devolutivas. A multimodalidade afirma-se, assim, como eixo do fazer etnográfico, ao incorporar imagens, sons e gestos como dimensões constitutivas das relações e da própria produção de conhecimento das Torcidas Organizadas para além do futebol, e das pesquisas para além do texto. A partir desse percurso, defendo a experimentação metodológica como condição para melhor apreender e dialogar com a expansão e a complexidade das experiências urbanas contemporâneas em torno do futebol e seus atravessamentos socioculturais.

Palavras-chave: Etnografia Multimodal. Antropologia das Práticas Esportivas. Antropologia Visual. Torcidas-Escolas. Pertencimentos e sociabilidades.

Abstract: This article discusses multimodal ethnography as both a practice and a methodological horizon, drawing on fieldwork with Brazilian Torcidas Organizadas that extend beyond football and also operate as Escolas de Samba in São Paulo, Brazil. By engaging with these collectives across stadium terraces and carnival avenues, it seeks to understand how forms of belonging and sociability expand within everyday urban life, thus requiring a continuous shift in the ethnographic gaze toward more multiple, sensorial, and inventive modes of observation and knowledge production. From this perspective, the article proposes the emergence of methodologies committed to ethnographic displacements that traverse not only fieldwork itself but also the processes of making, relating, and disseminating knowledge, in dialogue with artistic interdisciplinary practices such as drawing, photography, podcasting, and filmmaking. In this context, the audiovisual emerges as a key vector of interlocution, capable of challenging the centrality of academic writing and reconfiguring relationships between researcher, interlocutors, and modes of feedback. Multimodal ethnography thus asserts itself as a central axis of ethnographic practice by incorporating images, sounds, and gestures as constitutive dimensions of both social relations and knowledge production. This is particularly evident in the study of Torcidas Organizadas beyond football, as well as in research practices that move beyond text-based formats. From this perspective, I argue that methodological experimentation is a necessary condition to better apprehend and engage with the expansion and complexity of contemporary urban experiences surrounding football and its sociocultural entanglements.

Keywords: Multimodal Ethnography. Anthropology of Sports Practices. Visual Anthropology. Torcidas-Escolas. Belongings and sociabilities.

Considerações iniciais

Pensar sobre as Torcidas Organizadas para além das dinâmicas unicamente atreladas ao futebol não é uma tarefa simples. Um dos primeiros desafios é fugir do mantra discursivo que os próprios torcedores e suas torcidas acionam como uma espécie de mito fundante de suas primeiras narrativas: "existimos em prol do clube…". O que obviamente carrega em si um fato fundacional, mas está longe de ser a única fonte de existência e pertencimento das torcidas na contemporaneidade.

Para além desse primeiro desafio, um outro logo se apresenta quando o assunto é fazer pesquisa entre torcedores organizados: como fugir da obviedade temática do futebol e suas manchetes já dadas? Como resistir ao prato cheio de querer etnograficamente responder, ainda que em contraponto, a pautas jornalísticas que reduzem o coletivo e suas questões sociais complexas, em meras práticas elementares de festas e/ou violências em torno do jogo e suas rivalidades antagônicas?

Por meio de um experimento que não tem a menor pretensão de encerrar aqui a discussão e/ou apontar melhores e piores caminhos, proponho algumas (auto) críticas sobre as metodologias que tenho visto e utilizado em meu trabalho etnográfico. E discuto, a partir disso, como nossas metodologias em geral podem nos afastar e/ou nos aproximar de um mergulho mais profundo no universo que pretendemos desbravar, como é o caso aqui das Torcidas Organizadas, mas também do campo mais amplo de pesquisas sobre o Futebol e seus entornos socioculturais.

Neste artigo, reflito especificamente sobre dois aspectos primordiais em nossos trabalhos etnográficos: a confecção e a produção. A partir disso discorro sobre as possibilidades de ampliação dos produtos de nossas pesquisas (artigos, monografias, dissertações e teses) para experimentos multimodais que extravasam o texto e a academia. No entanto, adianto que, não se trata de uma questão unicamente de formato final do que fazemos, mas sim da relevância que o diálogo entre *como fazer* (processo etnográfico) e *como mostrar* (produto da etnografia) podem mudar e influenciar a perspectiva de toda a pesquisa. E em meio a essa relação indissociável e não linear de ambas as coisas, é que insiro este texto.

Por isso, ao indicar a multimodalidade como alternativa para os trabalhos contemporâneos com as Torcidas Organizadas, me refiro a todo o processo etnográfico voltado a pluralidades de observações, análises e devolutivas. Pois, acredito que tomar esse caminho de repensar o que fazemos e como fazemos, é também uma maneira de abandonarmos o conforto do já sabido em nosso campo, e nos permitirmos a imprevisibilidade de novas questões que podem e devem emergir em nossas experiências etnográficas. E com isso, enfim nos abrirmos para novos temas que sempre estiveram ali, mas raramente foram percebidos com a devida atenção e relevância.

Por exemplo: quem são os torcedores organizados para além dos que vivem em torno do torcer pelo futebol? Quais são os rostos e corpos invisíveis que apesar de estarem ali nunca aparecem como expressão do que é ser torcedor organizado? Quantas histórias não estão sendo contadas por não serem sobre paixão clubística, embates físicos e violência, torcedores símbolos, ou grandes aventuras em caravanas? Onde estão as mulheres nas torcidas organizadas, e quais suas histórias e enfrentamentos em meio a essa estrutura coletiva em torno da masculinidade hegemônica? E os homens que possuem masculinidades dissidentes, como enfrentam o cotidiano nesses ambientes? Como é envelhecer dentro de estruturas organizadas em torno da vitalidade juvenil? Como é ser LGBTQIAP+ em torcidas organizadas? Como é amar o carnaval e não gostar de futebol dentro de uma Torcida-Escola? Como se dão as dinâmicas de racialidade e poder nas estruturas internas das torcidas?

Lamento pelo spoiler, mas essas perguntas disparadoras não serão respondidas aqui. Apesar de me ater a cada uma delas (e outras tantas) em meu processo etnográfico, aqui elas surgem apenas como uma pequena fresta em meio às portas que historicamente tem se fechado, pela mídia e também por pesquisas acadêmicas, que insistem em observar e representar as torcidas organizadas como apenas um fenômeno hegemônico atrelado ao futebol e a virilidade. Parece até que nada mais existe para além disso. O que etnograficamente se mostra uma grande e desnecessária ilusão reducionista, que na mesma toada ignora questões complexas e atores marginais dentro dos movimentos, e preconceituosa, pois reduz tudo a uma única coisa odiosa.

Caminhar por outra perspectiva, porém, significa um tensionamento do olhar apressado, pois ver diferente é consequência de um caminhar etnográfico direcionado a outras coisas e com isso também a negociação de outros lugares em campo. Por isso,

nessa busca de (vi)ver as *torcidas organizadas para além do futebol*, nos últimos anos tenho ido em todo tipo de atividade cotidiana das agremiações, como reuniões, rodas de samba, feijoadas, aulas de artes marciais, cursinhos preparatórios, futsal feminino, capoeira, festas, ensaios de carnaval, desfiles, esquentas pré e pós jogo, encontros diversos, etc. E para isso, senti a necessidade de algumas atualizações metodológicas já nas formas de confecção da pesquisa. E é nesse cenário que insiro a discussão sobre multimodalidade etnográfica, desde a forma inicial de conceber a pesquisa até seus produtos finais, comprometidos com uma noção de contrapartida social, política e de utilidade aos nossos interlocutores.

Portanto, ao decorrer deste artigo apresento brevemente a etnografia multimodal, e dou ênfase ao que acredito ser relevante trazer para a discussão contemporânea sobre os estudos socioculturais em torno do futebol. Também relaciono constantemente meu atual exercício etnográfico audiovisual entre as Torcidas Organizadas que também são Escolas de Samba na cidade de São Paulo, as quais chamo de Torcidas-Escolas, com outras experimentações multimodais de pesquisadoras e pesquisadores de outros campos, temáticas e linguagens.

A partir disso, objetivo lançar luz ao debate sobre a importância, para o campo de estudos em torno das torcidas (e do futebol), da experimentação de formas multimodais de confecção das pesquisas e seus produtos finais. Como aqui proposto a partir de um experimento etnográfico multimodal entre Antropologia, Etnomusicologia e Audiovisual.

Como a etnografia multimodal chegou em mim?

Em *O efeito etnográfico*, Marilyn Strathern (2017) nos diz que a etnografia começa muito antes de chegarmos no campo de pesquisa, e termina bem depois que vamos embora dele. Para a autora o pensar sobre como será a pesquisa, o pré campo, e o processo de análise e escrita de artigos, dissertação ou tese, o pós campo, tudo isso faz (além do próprio campo, obviamente) parte do *momento etnográfico*.

No audiovisual existe uma palavrinha mágica que atravessa todos os estágios de uma produção, seja ela qual for: *roteiro*. É ele quem determina para onde todos os outros passos serão dados, tanto na pré quanto na própria produção e também na pós.

Diria, grosso modo, que é o equivalente ao nosso "projeto de pesquisa". E apesar do roteiro, assim como o projeto, não ser uma coisa fechada e inalterável até o fim da produção, ainda assim ambos exercem um certo controle narrativo de confecção das coisas. O que não é errado, só não se encaixa em todas as propostas e situações.

Por exemplo, na produção de um documentário, seja ele curta ou longa duração, o roteiro passa a ocupar um lugar chamado de *pré-roteiro*. Ou seja, ele traça um esqueleto imaginado dentro das expectativas do diretor(a), mas já sob a consciência de que o controle narrativo não será uma premissa somente sua (como no roteiro), pois isso passa a depender diretamente do que as personagens trarão em seus depoimentos. E é por isso que um documentário se constrói também na *montagem* (edição) póstuma e não só na roteirização prévia.

No processo de me tornar um documentarista vi bastante semelhanças com o fazer etnográfico. E na relação de ambas as práticas (em mim) passei a internalizar que em meus afazeres, o roteiro e o projeto de pesquisa eram meras ilusões de um controle que eu não queria ter. Afinal, uma das coisas que mais me cativava na antropologia é seu encantamento pelo não saber prévio, e seu flerte constante com o imprevisível do campo, o descobrimento. O que de certa forma também dialoga bastante com o futebol em si.

Entendo e valorizo os pormenores de cada uma das amarras metodológicas atreladas ao roteiro no audiovisual e ao projeto na antropologia, e seus passos no cumprimento de propósitos específicos são indiscutíveis. Mas em meus objetivos atuais de explorar vivências torcedoras para além do que por anos se convencionou catalogar, não me parecem mais surtirem tanto efeito. E por isso, a partir do que o campo tem me apresentado, decidi então me aprofundar de fato nesse processo de *montagem etnográfica* que uma relação multimodal em campo tem me proporcionado. O que significa dizer, largar o controle da narrativa e dos caminhos etnográficos a priori, e abrir, a partir da perspectiva multimodal, a pesquisa a diversas possibilidades que só serão de fato conectadas no processo posterior de *montagem* disso tudo.

Passei a pensar dessa maneira principalmente porque o universo observado entre carnaval e futebol, no qual estão imersas as Torcidas-Escolas que pesquiso na cidade de São Paulo, têm demandado cada vez mais metodologias sensoriais de análise e

produção etnográfica para além do texto e da observação participante. Não à toa, a questão imagética da etnografia sempre esteve como ponto central da percepção analítica das sociabilidades e pertencimentos em minhas pesquisas, justamente por compreender a importância estética e sensorial que os próprios interlocutores atribuem aos seus associativismos e formas de expressão visual.

A minha primeira experimentação multimodal foi em diálogo com a fotografia. E desde a pesquisa de Iniciação Científica (Processo FAPESP: 2018/23956-6), perpassando a de mestrado (SOUZA JUNIOR, 2022) e agora também na de doutorado (Processo FAPESP: 2022/14384-4) e a BEPE (2025/03366-3), somaram-se a prática de pesquisa minha aptidão enquanto fotógrafo e profissional do audiovisual. E a partir disso tenho explorado ainda mais as visualidades também nas produções científicas desde então (SOUZA JUNIOR, 2021; 2024a; SOUZA JUNIOR & ANDRADE, 2021a; 2021b; 2022a; 2022b; 2023).

No entanto, na atual pesquisa em andamento tenho buscado ampliar ainda mais o universo imagético da fotografia em contexto etnográfico para o campo mais múltiplo do audiovisual como um todo. Seja na captação de imagens e(m) movimentos, sons, falas e ambiências, ou na junção de ambas as coisas na experimentação cada vez mais constante de peças audiovisuais como curta metragens, documentários, filmes etnográficos e *videoclipes etnograficamente fundamentados* (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2018; 2020; RANOCCHIARI & LUQUE, 2023). E por isso passei a ocupar também o papel de documentarista em campo, além de fotógrafo e pesquisador.

Essa ampliação, da pesquisa e do pesquisador em contexto etnográfico, tem surgido a partir de dois eixos principais: 1. da percepção de que se multiplicam as possibilidades de criar e desenvolver relações de interlocução por meio do uso das ferramentas de atuação audiovisual em campo, como bem explorado nas práticas da antropologia visual brasileira (BOUDREAULT-FOURNIER; HIKIJI & CAIUBY NOVAES, 2016; 2020; CAIUBY NOVAES, 2010; 2014; 2015); 2. E da possibilidade de retribuição, ao próprio campo, dos dados etnográficos observados ao longo de toda a pesquisa e suas experiências de imersão, sobretudo em uma linguagem que os próprios interlocutores valorizam e se sentem orgulhosos de receber, como as peças audiovisuais (DAMÁSIO, 2024; RANOCCHIARI, 2016; 2023).

Aqui também faço questão de pontuar que, me parece cada vez mais urgente que os estudos socioculturais em torno do futebol, sejam mais responsáveis e conscientes de seu compromisso social e político. Pois trabalhar com assuntos diretamente atrelados a cultura popular de interesse social e midiático, faz com que nossas produções precisem necessariamente dialogar mais com esses meios de diálogo e difusão dos saberes. Se nossos interlocutores não estão entendendo nossas pesquisas, não se interessam pelo que fazemos, ou se os assuntos só circulam em congressos e artigos científicos entre nossos pares, é porque não estamos conscientes e criativos o suficiente de nosso papel enquanto estudiosos das sociabilidades em torno do futebol. E acredito que a multimodalidade e o trabalho colaborativo podem nos ajudar com essa correção de rota.

A partir da experiência que tenho tido, posso dizer que não têm sido poucos os esforços para que esse movimento etnográfico seja embasado técnica e antropologicamente. Pois pouco adianta usarmos outras linguagens sem que as dominemos de fato. Por isso tenho buscado o aperfeiçoamento constante como profissional do audiovisual, mas também como antropólogo visual, e foi justamente traçando com mais afinco esse caminho bibliográfico e formativo que me deparei com a perspectiva multimodal, principalmente a proposta por Dario Ranocchiari (2016; 2023), em seus trabalhos etnográficos entre etnomusicologia, antropologia e audiovisual.

Foi aí que entendi que meus incômodos não eram só meus, e que muita gente já vinha repensando maneiras mais atuais de se fazer pesquisa, sobretudo compromissadas com novas experiências de *como fazer* e *como mostrar*.

O curioso é que, em minha caminhada etnográfica entre as Torcidas-Escolas, o caráter de atualização metodológica sempre existiu. Mas antes eu pensava que se tratava “apenas” de uma atualização teórica, de sair do eixo naturalizado de análise a partir do "pertencimento clubístico" para a proposição de ter como base o "pertencimento torcedor".

> Pertencimento torcedor conceitua atos contínuos e inconclusos, operador de sociabilidades menos reificadas pelas centralidades do clubismo. Metodologicamente, suas premissas buscam ampliar as possibilidades analíticas e etnográficas sobre práticas torcedoras, fazendo interagir novos recortes e renovados temas (...). (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 5).

Mas depois de me deparar com os estudos de multimodalidade etnográfica, percebi que pouco adiantaria mudar a perspectiva teórica sem alterar também meu processo etnográfico e os produtos de minha pesquisa. E para seguir nesse caminho de tensionamento constante entre a forma de observação e a produção de conhecimento dos temas antes invisibilizados e agora colocados em perspectiva a partir do *pertencimento torcedor*, passei a me amparar nos preceitos da etnografia multimodal. Interessado justamente em unir a ampliação teórica da antropologia visual e da etnomusicologia com a aplicação técnica dessa multimodalidade também através das ferramentas audiovisuais.

E foi assim que compreendi, a partir do campo, como bem aponta Strathern (2017), que para levar a fundo minha proposta original de ver as *Torcidas Organizadas para além do futebol*, era preciso que eu também atuasse para além do papel tradicional de pesquisadores que por esse tema já se debruçaram. Afinal, em campo percebi que muitas coisas que são feitas para serem vistas e sentidas não vinham sendo mostradas e percebidas nas pesquisas até então, e muito disso, penso eu, por um caminhar etnográfico pouco direcionado às dinâmicas de sociabilidade do campo em torno de suas visualidades, sonoridades e ambiências.

Multimodalidade e co-utilidade nos estudos socioculturais do futebol

É importante demarcar que aqui não apresento uma única definição sobre etnografia multimodal, e isso é proposital. Pois o intuito é justamente demonstrar como existem muitas formas e maneiras de se explorar o fazer antropológico, sobretudo em diálogo com outras áreas e linguagens, e encontrar caminhos entre esses cruzamentos constantes, é o que faz um trabalho ser de fato multimodal.

A multimodalidade etnográfica já vem sendo discutida na literatura nos últimos anos. Em contextos internacionais, além de trabalhos já consolidados, sobretudo, na antropologia visual e outras linguagens artísticas correlacionadas (COLLINS; DURINGTON & GILL, 2017; BOULDREAULT-FOURNIER, 2020; RANOCCHIARI, 2016; 2023), destaco também o recente kit de avaliação de trabalhos multimodais em antropologia, lançado em Berlim, na Alemanha. Escrito por Judith Albrecht, Tomás Criado, Ignacio Farías, Andrew Gilbert, Carla J Maier, e publicado CC POR SA Institut für Europäische Ethnologie · HU Berlim, em 2025. O material visa discutir os desafios

de ensino e avaliação de propostas multimodais atreladas a linguagens mais artísticas que acadêmicas[2].

No Brasil a etnografia colaborativa tem explorado cada vez mais múltiplas modalidades de observação, e ampliado seus produtos finais para além do texto, seja nas já estabelecidas obras entre audiovisual, antropologia e etnomusicologia (BOUDREAULT-FOURNIER; HIKIJI & CAIUBY NOVAES, 2016; 2020; LEAHA, 2019; 2020, 2021), como também em experimentações ainda em curso, como por exemplo no compilado de teses multimodais que tenho visto e partilhado, de colegas com as mesmas inquietações, e que muito em breve hão de sair do forno. No entanto, no que tange o campo de pesquisa da Antropologia das Práticas Esportivas, ou mais especificamente das Torcidas-Escolas, tal discussão ainda me parece ser bastante inicial, para não falar inexistente.

Apesar de termos importantes produções das mais diversas linguagens na área mais ampla do futebol e seus fenômenos socioculturais, seja com documentários (PISANI, 2018; GASTALDO, 2019), exposições multissensoriais[3], ensaios visuais (SOUZA JUNIOR, 2024a; SOUZA JUNIOR & ANDRADE, 2025; SOARES DE ALMEIDA & PISANI, 2018) e demais produções imagéticas. São poucas as experiências que têm uma relação direta da confecção com o produto. Em resumo, é possível vermos pesquisas etnográficas que posteriormente têm seus dados utilizados em produções audiovisuais, mas são poucos os casos em que a confecção de ambas as coisas é também uma estratégia relacional da pesquisa. O que aqui proponho.

Da parte mais geral da etnografia colaborativa realizada no Brasil, em diversos contextos de pesquisa, a multimodalidade tem sido cada vez mais acionada de maneira bastante inventiva. E isso pode ser melhor visualizado nos trabalhos mais contemporâneos e que ainda estão em andamento e circulação nesse circuito mais experimental do fazer etnográfico multiforme (BOUDREAULT-FOURNIER; HIKIJI & CAIUBY NOVAES, 2016; 2020; CAIUBY NOVAES, 2010; 2014; 2015; DAMÁSIO, 2022a; 2022b; 2024; HIKIJI & CHALCRAFT, 2020; VELAME, 2023; 2024).

[2] Disponível em: https://www2.hu-berlin.de/multimodalappreciation/kit/. Acesso em: 18 de março de 2026.
[3] Um exemplo pode ser visto na exposição temporária do Museu do Futebol em São Paulo: “Vozes da Várzea”, 2025. Com curadoria de Alberto Luiz dos Santos e Diego Viñas.

No entanto, a maioria dos trabalhos esteve ou está direcionado, ao menos a meu ver, a exploração de novas formas que comuniquem o que nós pesquisadores achamos úteis expressar. E por isso, acredito que a principal contribuição de novas possibilidades multimodais pode fazer mais sentido para o nosso campo em torno dos estudos socioculturais do futebol, quando atreladas ao princípio de *co-utilidade*. Ou seja, a proposição de que as coisas também expressem o que nossos interlocutores julgam úteis em nossa atuação em campo e produção a partir dele.

A junção desses dois termos, multimodalidade e *co-utilidade* - como princípio de sua concepção é recente (RANOCCHIARI, 2023). E isso, a meu ver, tem apresentado um caráter multimodal inovador ao trabalho antropológico que temos desenvolvido. Afinal, não se trata só de pensar em seu processo de confecção, mas também em suas múltiplas formas de ampliar a utilidade final das etnografias para o próprio campo e a sociedade como um todo.

> O que é importante aqui é ultrapassar as barreiras impostas pela modalidade de transmissão de conhecimentos e produzir resultados de investigação que possam ser compreendidos tanto dentro como fora do meio acadêmico. Não se trata de um problema de suporte, de utilizar escritos em vez de audiovisuais, espetáculos ao vivo ou qualquer combinação destes (ou seja, através de ecossistemas digitais). É definitivamente uma questão de modo: como é que damos forma aos conhecimentos originados pela nossa experiência de investigação partilhada de uma forma igualmente eficiente para todos os sujeitos implicados? (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2020. p. 15 [tradução própria]).

É preciso pontuar que, Ranocchiari (2016; 2023) argumenta, em seu contexto de trabalho com a produção de *videoclipes etnograficamente fundamentados* para grupos musicais[4], que os videoclipes como produto final não são etnográficos em si. Ou seja, não são feitos para apresentar a pesquisa e seus dados obtidos, mas para expressarem uma auto representação dos interlocutores sobre si mesmos - o que eles querem mostrar. Ao ocupar o papel de cineasta e cinegrafista, o (também) antropólogo assimila a narrativa que os interlocutores querem trazer em seu videoclipe musical. Ali, não

[4] Um exemplo pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yglrt0SX6yY&list=RDYglrt0SX6yY&start_radio=1>. Acesso em: 03/03/2025.

importa o que a pesquisa quer dizer, mas o que o campo deseja naquele momento mostrar.

Segundo o autor, é no seu processo de confecção colaborativa que acontece a etnografia, pois a negociação de papéis entre pesquisador, cineasta, editor, produtor, e tantas outras funções necessárias nessa dinâmica criativa de fabricação do videoclipe, faz com que cada troca traga dados etnográficos valiosos e úteis para a pesquisa. Por isso a co-utilidade, afinal, enquanto todo o processo de elaboração é útil para o etnógrafo e seus interesses acadêmicos, o videoclipe como produto final é útil para os interlocutores e suas demandas sociais por visibilidades outras.

Trazendo este exemplo para o olhar mais geral em torno do futebol como fenômeno sociocultural, o princípio de co-utilidade ganha protagonismo nessa atualização metodológica aberta a novas possibilidades etnográficas, sobretudo como a que aqui proponho entre as Torcidas-Escolas. Afinal, "Nesta perspectiva, fazer investigação colaborativa ou partilhada não significa apenas desenvolver uma metodologia eficiente de co-investigação, mas também encontrar uma forma de produzir resultados que sejam igualmente úteis para os diferentes sujeitos envolvidos" (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2020. p. 15 [tradução própria]).

E justamente por compreender a relevância atual de um trabalho sobre *Torcidas Organizadas para além do futebol* (SOUZA JUNIOR, 2025), como constantemente espetacularizado na mídia, é que tenho dado tanta ênfase a necessidade de me ater também ao produto final da etnografia. Principalmente por entender que:

> (...) o problema dos produtos finais é um dos menos considerados na literatura sobre investigação colaborativa. Quase sempre "o processo [de co-investigação] é justamente considerado mais importante do que o produto, ou, por outras palavras, o processo é o produto, o resultado" (Miguel, Ranocchiari & Sardo 2020: 377). Mas se quisermos que o impacto de uma investigação partilhada ultrapasse o círculo restrito de pessoas que tiveram a oportunidade de participar nela, é muito importante transformar o processo efémero da co-investigação em produtos mais persistentes (e partilháveis). (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2020. p. 15 [tradução própria]).

Portanto, para além da discussão teórica sobre antropologia e multimodalidade etnográfica, é justamente o trabalho empírico e recente, de produção audiovisual baseado no *fazer etnográfico colaborativo de co-utilidade* (RANOCCHIARI, 2016; 2023; RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2018; 2020; RANOCCHIARI & LUQUE, 2023), que aqui proponho e me amparo.

Pois, "Se queremos realmente fazer investigação respeitando o princípio da co-utilidade, o desafio é produzir resultados transmodais que sejam capazes de transcender estas modalidades fechadas de transmissão de conhecimento" (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2020. p. 15 [tradução própria]). A seguir abordo alguns exemplos dessa multimodalidade, e discuto como o processo de *fazer* pode e deve estar constantemente atrelado às ideias de como *mostrar*.

Experimentações multimodais - Como fazer? Como mostrar?

Antes de entrar nos exemplos do que seria esse fazer etnográfico multimodal de co-utilidade, faço questão de reafirmar algumas coisas: 1. A base argumentativa que tenho buscado sustentar é a de que deve haver uma relação direta entre o produto etnográfico, seja ele qual for, e a prática cotidiana de pesquisa. Saber *como mostrar* é parte do processo de saber *como fazer*, e vice-versa; 2. A multimodalidade não tem o intuito de eliminar o texto ou de tornar dele menos importante no fazer etnográfico, mas busca complementar camadas que tornem nossas produções úteis, social e politicamente, para os próprios detentores da pesquisa, a saber, os interlocutores.

Também é importante demarcar que a multimodalidade não é uma exclusividade do diálogo da antropologia com a etnomusicologia e o audiovisual. Tomei esse caminho aqui como exemplo por ser o que tenho trilhado em minhas andanças enquanto antropólogo urbano, fotógrafo e documentarista, entre as Torcidas-Escolas. Mas as possibilidades são diversas, e sempre vai depender da necessidade que o campo apresenta em relação às aptidões e desejos de quem o etnografa.

Até por isso, outra questão fundamental é a compreensão de que a multimodalidade muda a relação do pesquisador com o campo. Se tornar de alguma maneira útil para seus interlocutores, te reposiciona em campo, e faz com que você não precise mais necessariamente tentar entrar, e sim seja puxado para dentro a fim de

atender as demandas que eles julgam necessárias. E saber lidar com esse novo lugar negociado também faz parte do processo de pesquisa.

Além disso, pontuo que o trabalho multimodal também pode, e em alguns casos até deve, ser colaborativo. E por isso temos que abandonar a velha máxima de que uma etnografia colaborativa é apenas aquela feita entre quem etnógrafa e seus interlocutores, pois uma das maiores potencialidades do trabalho colaborativo é o diálogo que podemos provocar com profissionais de outras áreas e/ou disciplinas. Por que naturalizamos a contratação de um profissional de tradução de um artigo que vamos publicar, mas nem sequer cogitamos um desenhista para retratar algo do nosso campo de uma maneira mais artística? Não saber fazer não pode mais ser justificativa para negar a necessidade da produção multimodal. O processo colaborativo é uma saída interessante, pois existe uma rede cada vez maior de artistas interessados nessa colaboração com a antropologia[5].

Exemplo 1 - fotografia em contexto etnográfico

A fotografia talvez seja a linguagem mais conhecida e consolidada no diálogo com a antropologia. No entanto, vejo que essa relação nem sempre é bem aproveitada, seja pela inaptidão técnica do antropólogo com a câmera e sua linguagem fotográfica, ou pela desconexão entre o que se mostra (a foto) com o que se faz (a etnografia). Penso que para fugir do perigo de usar a fotografia como ilustração do texto ou fragmentos da realidade, se faz necessário compreender que a fotografia não é sobre o contexto etnográfico mas parte dele. O que significa dizer que é também por meio da câmera que o corpo que pesquisa se modifica e se amplia no conjunto de relações de interlocução para além da observação (pseudo) participante. Com a câmera você de fato passa a participar da criação imagética daquele contexto.

Por isso, para produzir fotografias que retratem questões etnográficas, elas também precisam ser parte constante do processo da pesquisa de campo. O que significa que elas também devem ser inseridas nas relações de interlocução, seja como dádivas para os próprios interlocutores emitirem suas opiniões e as usarem, ou para até mesmo

[5] Não saber fazer não é um problema. Se sente aptidão tente aprender e estude para ficar bom, afinal num nascemos sabendo antropologia. Caso não veja aptidão ou desejo, pense num roteiro e discuta suas ideias com artistas, crie sua rede de pitacos e contrate bons profissionais para fazerem esse trabalho colaborativo contigo.

servirem como força de atração para que se explique a pesquisa e fomente ainda mais os vínculos etnográficos.

> (...) a fotografia passou a ser utilizada por antropólogos como elemento de troca na pesquisa ou como modo de dar visibilidade às pessoas que nossa sociedade insiste em tornar invisíveis. (...) Em certo sentido as imagens têm poder de agência. Elas tornam visível o que não era, subvertem o senso comum, denunciam com sensibilidade única e, por isso mesmo, agem. (CAIUBY NOVAES, 2015. p. 15).

Além disso, penso que as fotografias precisam estar em conexão estética com o que o trabalho visa demonstrar, e por isso úteis também para publicização em ensaios visuais que rompam estereótipos do campo (KIM, 2015; SOUZA JUNIOR, 2024a; SOUZA JUNIOR & ANDRADE, 2025), textos imagéticos (SOUZA JUNIOR & ANDRADE, 2021a; 2021b; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2023), redes sociais e exposições fotográficas (SOUZA JUNIOR, 2024b; 2025a; 2025b).

Exemplo 2 - filmes etnográficos

A produção fílmica tem mudado bastante em contexto etnográfico ultimamente. Penso que por dois motivos principais: 1. o avanço técnico de antropólogos que se tornam de fato cineastas e desenvolvem cada vez mais produtos inovadores em diálogo com o audiovisual e as experimentações etnográficas; 2. pelo avanço e adaptação da própria técnica audiovisual às novas plataformas de difusão das redes sociais de vídeos. O que impacta diretamente os formatos e linguagens fílmicas, os tornando cada vez mais curtos e rápidos para atender as demandas tecnológicas das novas mídias sociais.

Apesar da nossa tendência conservadora achar que esse segundo ponto é apenas ruim e catastrófico, ele também tem sido uma alternativa para novas possibilidades etnográficas no audiovisual. Produzir um vídeo curto (reels) no Instagram ou Tik-Tok também pode ser uma importante ferramenta de difusão temática, e que não exige um nível profissional de atuação. Ainda assim, pode ser um significativo chamariz de interesse dos próprios interlocutores que passam a ver onde sua pesquisa de fato pode chegar, como no exemplo de diários de campo (áudio)visuais (DAMÁSIO, 2022b).

Assim como propostas experimentais de média duração no Youtube, geralmente no formato de vlogs. Ou seja, da pessoa que interage com a câmera que literalmente

acompanha seu dia a dia e afazeres. Quando aplicados a temáticas da pesquisa ou sobre o cotidiano na pesquisa de campo, essa linguagem pode alcançar uma potencialidade etnográfica interessante. Pois tem espaço para uma autodescrição narrativa do próprio pesquisador, mas também flerta com camadas documentais de depoimentos de outras pessoas e linguagens cinematográficas de composição de cena.

Ademais, para além do filme etnográfico mais tradicional, os formatos estão cada vez mais diversos, o que amplia em muito nossas possibilidades de experimentação (DEVOS & VEDANA, 2018; 2021). Desde os já citados documentários, que podem ser curta (+/- 15 minutos) ou longa duração (+/- 1h30); aos Curta metragens propriamente ditos[6], que podem ser produzidos para festivais e editais, mas também postados no Youtube ou plataformas como Vimeo e demais acervos audiovisuais[7].

Vale pontuar que para além do formato em si, novas linguagens fílmicas têm sido exploradas nessa relação entre antropologia e audiovisual, aqui destaco uma delas, a *etnoficção* (BOUDREAULT-FORNIER; HIKIJI & CAIUBY NOVAES, 2016; 2020). Ou seja, a utilização de cenas ficcionais, encenadas na maioria das vezes pelos próprios interlocutores ou pessoas próximas (não atores), para representar em um filme narrativas reais descobertas por meio da etnografia. Na maioria das vezes a etnoficção é acionada para representar cenas que de outra forma seria impossível captar, como ambientes familiares, práticas ilícitas, ou até mesmo contextos de difícil acesso e filmagem (BOUDREAULT-FORNIER & HIKIJI, 2020)[8].

[6] Exemplos de documentários: "Lá do Leste" (2010), dirigido por Carolina Caffé e Rose Satiko. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/node/58>. Acesso em: 10/03/2025; "Sou feita de chuva, sol e barro: Futebol feminino na várzea paulistana", 2018. Dirigido por Mariane Pisani. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TqfQ8pvI1AM>. Acesso em: 10/03/2025.

[7] Como por exemplo o Acervo do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) da USP. Um verdadeiro banco de dados com todo tipo de produção audiovisual na antropologia e áreas correlatas. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/acervo-banco-de-dados>. Acesso em: 10/03/2025.

[8] Como exemplo de etnoficção: "Fabrik Funk" (2015), dirigido por Alexandrine Boudreault-Fournier, Rose Satiko Gitirana Hikiji e Sylvia Caiuby Novaes. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/node/22>. Acesso em: 10/03/2025.

Exemplo 3 - desenhos etnográficos

Outra linguagem de longa data que tem se relacionado com a antropologia é o desenho. Me interessam em especial os trabalhos que relacionam o desenho com o campo etnográfico, ao menos a meu ver, não de uma perspectiva explicativa ou ilustrativa, mas com um caráter criativo de imersão visual (AZEVEDO, 2016; DAMÁSIO, 2022a; 2022b; VELAME, 2023; 2024; KUSCHNIR, 2014). Que visam, a partir disso, adentrar o cotidiano dos interlocutores por meio do olhar artístico em que as coisas e as pessoas não são meros objetos de observação, mas a arte que se relaciona com o fazer etnográfico. Como no caso do ensaio visual de Velame (2023, p. 3), o qual, por meio da arte do desenho, teve "(...) como objetivo criar montagens que, a um só tempo, apresentam os resultados da pesquisa desenvolvida e elicitam um exercício etnográfico".

Na área da antropologia das práticas esportivas, o desenho me parece um caminho ainda a ser explorado. E penso ser uma alternativa crucial na representação de cenas e subjetividades que a fotografia nem sempre é capaz de captar, sobretudo em contexto em que a possibilidade de registro não é uma opção. Desenhar cenas de conflitos, deslocamentos pela cidade, e até mesmo relacionar com diálogos escritos no próprio desenho, me parece ser um caminho interessante de multimodalidade etnográfica que outras modalidades dificilmente comportam.

Exemplo 4 - sonoridades etnográficas

Um importante instrumento tem ganhado protagonismo agora quando o assunto é difusão etnográfica, trata-se dos podcasts. O formato de um programa de rádio gravado e devidamente catalogado em um canal de plataformas sonoras, faz com que a circulação de diálogos e conversas possam ganhar de alguma forma protagonismo massivo[9].

Outra possibilidade interessante são as sonoridades de nossos campos de pesquisa. Para além das falas em si, os sons também podem e devem permear nosso fazer etnográfico multimodal, e nesse caminho a etnomusicologia tem dado ótimos

[9] Como exemplos cito: "Antro, como se faz?", por Ana Clara Damásio; "Urbanidades", por UrbanData-Brasil (USP); e "Som das Torcidas", por Matias Pinto e Xico Malta. Ambos disponíveis no Spotify.

exemplos de como é possível seguir os sons nessa caminhada de apreender o(s) mundo(s) (FELD, 2015; OLIVEIRA PINTO, 2001; VEDANA, 2018; 2019).

Por exemplo, em meu campo de pesquisa com as Torcidas-Escolas me deparei com algo muito associado à música e as sonoridades de ambiências. Pois a música não é só acionada em momentos específicos da sociabilidade torcedora e/ou sambista, mas ela é literalmente a camada de fundo em quase todos os ajuntamentos coletivos. Por isso, no trabalho de pós-produção dos vídeos captados durante as incursões etnográficas, notei que a camada de áudio quase sempre preenchida, por músicas que eles colocavam, era parte essencial da ambiência de cada uma daquelas sociabilidades em jogo. E tomar isso como um importante vetor no qual as narrativas se constroem, como no caso dos videoclipes etnograficamente fundamentados (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2018; 2020; RANOCCHIARI & LUQUE, 2023), tem sido um importante caminho dessa multimodalidade que aqui proponho por meio das sonoridades também como protagonistas nos arranjos da vida social (MENEZES BASTOS, 2014; HIKIJI, 2006; SEEGER, 2008; VEDANA, 2018; 2019; PRADO, 2021).

A etnografia multimodal que tenho feito

Com base nos exemplos brevemente supracitados no tópico anterior, tentarei explorar agora minimamente a correlação direta entre *como fazer* e *como mostrar* que tenho feito, ou seja, a etnografia multimodal que tenho esboçado entre as Torcidas-Escolas.

Estou neste campo de pesquisa há aproximadamente oito anos, e nele já me moldei enquanto etnógrafo de muitas formas, das mais tradicionais dos tempos de um pesquisador iniciante, as mais experimentais de quem já se sente confortável em campo e maduro o suficiente enquanto antropólogo em seu exercício de pesquisa. Mas foi sobretudo o caminhar dos últimos quatro anos em campo que percebi que a multimodalidade etnográfica não era uma alternativa, mas uma necessidade de me reposicionar etnograficamente.

Vale pontuar que meu campo é constantemente entre torcidas rivais, a saber, Mancha Verde (Palmeiras), Gaviões da Fiel e Camisa 12 (Corinthians), o que em si já é bastante desafiador de transitar. No entanto, foi justamente através do emprego da

diversidade de papeis em campo, como pesquisador, fotógrafo e documentarista, que vi a possibilidade de me movimentar a partir da utilidade de minhas funções para os próprios interlocutores e suas torcidas. Com o tempo percebi que era muito mais aceitável para eles saberem que eu estava produzindo documentários e fotografias sobre sua torcida e sua rival, do que apenas ouvir que sou um pesquisador que frequenta ambos os lugares sem "torcer" para um e "falar mal" do outro.

De início percebi que ir a campo com uma câmera profissional na mão já me posicionava também enquanto fotógrafo nas Torcidas-Escolas. Mas a partir do momento que passei a incorporar mais equipamentos direcionados a filmagens (como microfone direcional, gaiola estabilizadora, tripés), passei a ser ainda mais "procurado" pelos interlocutores para gravar o que eles queriam que fosse visto. Essa ampliação no campo etnográfico me fez perceber que talvez a maior contribuição, para nós etnógrafos, do emprego da multimodalidade, esteja na diversidade de caminhos e possibilidades que podem se abrir em nossos processos etnográficos em campo.

O acesso em campo que tenho hoje, e a mobilidade para além dos clubismos em jogo, faz com que o meu próprio objetivo de pesquisa - de explorar as sociabilidades e os pertencimentos das torcidas organizadas para além do futebol -, seja de fato possível de ser observado de perto, de dentro.

Para além do que tem me sido útil enquanto pesquisador que responde constantemente às expectativas acadêmicas e científicas, o caminhar enquanto cineasta tem permitido dividir a utilidade de minha estadia e produção em campo. Ou seja, cada vez mais tenho produzido materiais audiovisuais que não só são entendíveis e vistos pelos interlocutores, mas também apropriados por eles mesmos, e suas Torcidas-Escolas, para se auto expressarem (audio)visualmente em suas redes sociais, sites e demais manifestações públicas.

Portanto, seja por meio de ensaios e exposições visuais, textos imagéticos, com produções de curta metragens e documentários, ou até mesmo com fotos enviadas para as entidades e seus participantes a cada incursão em campo. A etnografia multimodal tem sido construída com base nos preceitos de que não faz mais sentido, ao menos no meu fazer etnográfico, estar ali sem que a utilidade de minha participação seja também partilhada entre os interesses de ambas as partes implicadas.

Considerações finais

Nos últimos congressos que participei, nacionais e internacionais, tentar passar um simples vídeo era como estar em um daqueles filmes clichês, *a la Missão Impossível*. O primeiro desafio era convencer os coordenadores dos grupos de trabalho que aquilo era necessário, possível e não ia atrapalhar seus cronogramas. “Mas ele é muito importante para sua apresentação?”, “Precisa de áudio? Quanto tempo ele tem?”. O espanto maior, dos responsáveis e demais pesquisadores presentes, vinha após minha resposta: “Sim, precisa de áudio, tem sete minutos, e ele é a minha apresentação”.

Curioso pensar como nos preparamos para todo tipo de argumentação, e não nos importamos em aprender o básico dos afazeres práticos que envolvem as tecnologias que compõem nossos trabalhos. O projetor se torna o mais difícil dos algoritmos, e usar ele para além do *powerpoint* ou do PDF em zoom horrível na tela, é de uma subversão abissal, a ponto de terem que literalmente chamar algum monitor responsável pela parte técnica do evento. Quando o assunto é tecnologia básica, a partida entre pesquisadores analfabetos e prédios totalmente despreparados parece terminar empatada.

Entre dificuldades técnicas, falta de estrutura e baixa receptividade entre nossos pares - que consideram isso uma espécie de mera perfumaria -, fica um tanto desmotivador seguir nessa toada. No entanto, quando me volto para meu campo de pesquisa, e vejo como para meus interlocutores um vídeo qualquer é recebido com orgulho e gratidão por estarem enfim sendo vistos e mostrados como de fato desejam, isso muda tudo. Ali eles criam a estrutura e fazem acontecer independente de qualquer dificuldade técnica.

É fato que muitos dos trabalhos textuais sobre torcidas organizadas já os retratavam dessa maneira complexa, mutável e relacional como de fato são. Mas isso eles raramente tinham acesso, e as palavras mal circulavam entre nossos pares, quanto mais adentravam a esfera pública e demais mídias sociais. A questão que tentei aqui abordar é que precisamos entender que o trabalho que fazemos não é apenas nosso, e se não mudarmos drasticamente a forma de como o *fazemos* e o *mostramos*, ficaremos cada vez mais isolados em nós mesmos e nossos slides.

A proposta de uma fazer etnográfico multimodal, sobretudo para as pesquisas em torno do futebol e seus fenômenos socioculturais, visa estabelecer um compromisso metodológico com a ciência que fazemos e para quem a fazemos. Nós escolhemos o que pesquisamos e o porquê pesquisamos, e trabalhar com a cultura popular exige que banquemos a responsabilidade de nossa escolha, e aceitemos que com ela vem um compromisso político e social de dialogarmos diretamente com as linguagens de transmissão dos saberes populares.

Por isso, o que tentei aqui foi me basear na breve discussão sobre as múltiplas vivências e pertencimentos das Torcidas-Escolas para além do futebol, para demonstrar como no meu caso a multimodalidade se tornou uma necessidade. E por meio do diálogo constante entre as antropologias visual, multimodal e das práticas esportivas, com o audiovisual e a etnomusicologia, tentei explorar as possibilidades que tenho encontrado de experimentações que têm afetado diretamente *como faço* e *como mostro* o trabalho etnográfico.

As sugestões de novas possibilidades multimodais, como fotografias, filmes, desenhos e sonoridades em contextos etnográficos, não foi no intuito de apenas inferir sobre nossos produtos finais vivências para além do texto. Mas também um alerta de que talvez estejamos perdendo importantes vetores de relações de interlocução, expressão visual e sonora das formas de sociabilidades e pertencimentos presentes nas dinâmicas cotidianas de nossos campos. E com isso quem deixa de *aparecer* são exatamente aqueles que em tese mais queremos *mostrar*; nossos interlocutores.

Portanto, aceitar a co-utilidade como princípio de nossa prática etnográfica não é uma novidade absurda que deve abalar todas as nossas estruturas. E sim uma (auto) reflexão que nos faz lembrar que a pesquisa não é nossa, e por isso a forma como fazemos as coisas importam para muitos além da gente e de nossos pares.

Referências

ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto; TOLEDO, Luiz Henrique. *Pertencimento clubístico e pertencimento torcedor: materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol*. Revista Esporte e Sociedade, 2021.

AZEVEDO, Aina Guimarães. *Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia*. Áltera Revista de Antropologia, 2, n. 2, 101 - 119, ago 2016.

BOUDREAULT-FOURNIER, Alexandrine. *Sonic Methodologies in Anthropolog*y. In: Bull, Michael e Cobussen, Marcel (eds.). The Bloomsbury Handbook of Sonic Methodologies. London: Bloomsbury Academic, 2020. p. 35-56.

BOUDREAULT-FOURNIER, Alexandrine - HIKIJI, Rose Satiko Gitirana – CAIUBY NOVAES, Sylvia. Filme etnoficcional: *Fabrik Funk*. Dirigido por Alexandrine Boudreault-Fournier, Rose Satiko Gitirana Hikiji e Sylvia Caiuby Novaes. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/node/22>. Acesso em: 10/03/2025

BOUDREAULT-FOURNIER, Alexandrine - HIKIJI, Rose Satiko Gitirana – CAIUBY NOVAES, Sylvia. Etnoficção: *uma ponte entre fronteiras*. In: A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Terceiro Nome; 2016.

BOUDREAULT-FOURNIER, Alexandrine - HIKIJI, Rose Satiko Gitirana – CAIUBY NOVAES, Sylvia. *Fabrik Funk: the Fabrication of the Everyday Reality of a Dream*. Visual Ethnography, 9(1), 2020.

CAFFÉ, Carolina & SATIKO, Rose. Documentário: *Lá do Leste*. Dirigido por Carolina Caffé e Rose Satiko. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/node/58>. Acesso em: 10/03/2025

CAIUBY NOVAES, Sylvia. "*Brasil em Imagens: caminhos que marcam e antecedem a antropologia visual no Brasil*". In: DIAS DUARTE, Luiz Fernando (Org.) Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia. São Paulo: ANPOCS, 2010. Coedição Instituto Ciência Hoje, Editora Barcarola e Discurso Editorial. p. 457-487.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. *O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia*. Cadernos de Arte e Antropologia, Salvador, v. 3, n. 2/2014, p.57-67, 2014.

CAIUBY NOVAES, Sylvia (org.). *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: Edusp, 2015.

COLLINS, Samuel Gerald, DURINGTON, Matthew e GILL, Harjant. *Multimodality: An Invitation*. American Anthropologist, v. 119, n. 1, p. 142–146, 2017.

DAMÁSIO, ANA CLARA. *Grafias Contra-Coloniais: re-desenhando subjetividades*. Cadernos de Campo (USP), v. 31, p. 1-16, 2022a.

DAMÁSIO, ANA CLARA. *Agora sei o que você faz, você conta histórias! notas etnográficas sobre um Diário de Campo Visual Público,alteridade, colonialidade e posicionalidade.* Cadernos de Campo (USP), v. 31, p. 1-24, 2022b.

DAMÁSIO, ANA CLARA. *Nem precisa ler o que tá escrito, mas olha as fotos de mãe aí: Notas etnográficas sobre devolução em campo e família*. Áltera Revista de Antropologia, v. 18, p. 1-21, 2024.

DEVOS, Rafael Victorino; VEDANA, Viviane. *Escutar no som: gravação e edição de etnografias sonoras a partir do paradigma ecológico*. Ilha – Revista de Antropologia, v. 20, n. 1, p. 117-144, 2018.

DEVOS, Rafael Victorino; VEDANA, Viviane. *Movimento, Câmera, percepção: não necessariamente o filme etnográfico sensorial.* In: Dominguez, Maria Eugênia; Montardo, Deise Lucy Oliveira (org.). Arte, som e etnografia. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021. p. 148-182.

FELD, Steven, *"Acoustemology"* In: David Novak e Matt Sakakeeny (orgs.), *Keywords in Sound*, Duke University Press, 2015.

GASTALDO, Documentário: *TORCEDORES: vida, paixão e morte no país do futebol*. Direção: Édison Gastaldo, 2019, 66min.. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiVX-3go8g0&t=1s>. Acesso em: 10/03/2025.

HIKIJI, Rose Satiko. *"Das possibilidades de uma audição da vida social"*. In HIKIJI, R.S.G. A música e o risco. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2006, p. 47-70.

HIKIJI, Rose Satiko Gitirana; CHALCRAFT, Jasper. *Collaborative post-production* In: Vannini, Phillip (ed.). The Routledge International Handbook of Ethnographic Film and Video. Abingdon / New York: Routledge, 2020. p. 214-223.

KIM, Joon Ho. *O rúgbi em cadeira de rodas: um breve ensaio sobre a (des)construção da imagem da deficiência física.* In: Caiuby Novaes, Sylvia (org.). Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia. São Paulo: EdUSP, 2015, 43-70.

KUSCHNIR, Karina. *Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa.* Cadernos de Arte e Antropologia, v. 3, n. 2, p. 23-46, 2014.

LEAHA, Mihai. *Multimodal spaces, atmospheres, modulations*. Experiencing the independent electronic music scene of São Paulo, Entanglements Journal, v. 2, n. 1, p. 143-160. 2019.

LEAHA, Mihai. *Filming 'Papoula'. Multimodal collaborations and experience making*. Visual Ethnography Journal, v. IX, n. 1, p. 38- 57, 2020.

LEAHA, Mihai. *"Saudades da festa!" Triggering sensory memories of DIY electronic music trough multimodal practices*. Multimodality & Society, v. 1, n. 3, p. 407-424, 2021.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. *Esboço de uma teoria da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem.* ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 1, n. 1, p. 49-101, 2014.

OLIVEIRA PINTO, Tiago de. *"Som e música: questões de uma antropologia sonora"*. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v. 44, n.1, p. 222-286, 2001.

PISANI, Mariane da Silva. Documentário: *Sou feita de chuva, sol e barro: Futebol feminino na várzea paulistana*. Direção: Mariane da Silva Pisani, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TqfQ8pvI1AM>. Acesso em: 10/03/2025.

PRADO, Yuri. Documentário: *Dois Irmãos*. Direção: Yuri Prado. Produção: Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA). 32 min., 2021.

RANOCCHIARI, Dario. *Algunas reflexiones sobre una experiencia de coproducción de vídeos musicales en la isla de San Andrés (Caribe Occidental)*. II Congreso de Antropología AIBR. Barcelona, 2016.

RANOCCHIARI, Dario. *Forthcoming Towards shared research practices on music. From an experience of music video production to the concepts of co-utility and transmodality.* TRANS Revista Transcultural de Musica. 2023

RANOCCHIARI, Dario - GIORGIANNI, Eugenio. *Music video clips. Collaborative filmmaking and digital circulation as a research method in Ethnomusicology*. In Ethnomusicology in Audiovisual Times. H. Yu, Y. Defrance, & L. D'Amico (eds.). Hangzhou: Zhejiang University Press, 2018.

RANOCCHIARI, Dario; GIORGIANNI, Eugenio. *Doing Ethnographically Grounded Music Videos.* Visual Ethnography, v. 9, n. 1, p. 8-18, 2020.

RANOCCHIARI, Dario e LUQUE, Jara María Romero. Tefla Madlouma. *Resiliencias femeninas y memoria cultural saharaui a través de la realización de un vídeo musical etnográficamente fundamentado.* El oído pensante, v. 11, n. 2, p. 111-141, 2023.

SEEGER, Anthony. *"Etnografia da música"*. In Cadernos de Campo, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008.

SOARES DE ALMEIDA, Caroline & PISANI, Mariane da Silva. *100 anos de Torcida: A presença feminina nas arquibancadas de futebol em Florianópolis, ontem e hoje*. Fotografia, 2018.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Um preto e branco colorido: (des)construindo a imagem de torcedores organizados através da fotografia etnográfica*. Pensata: Revista Dos Alunos Do Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da UNIFESP, 9(2), 2021

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Torcidas organizadas entre futebol e carnaval: uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fie*l. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2022.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *O samba em torcidas organizadas: narrativas caminhantes, (sobre) vivências imagéticas que não ganham manchetes*. Fotocronografias, [S. l.], v. 10, n. 24, p. 160–179, 2024a.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Exposición - O carnaval das Torcidas Organizadas no Brasil: sociabilidades e ancestralidades para além do futebol*. Muestra de fotografía etnográfica documental. Inst. promotora: ALA – UNR, cidade: Rosário, 2024b.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Torcidas Organizadas para além do futebol. Brasil de Fato.* Disponível em: <https://https://www.brasildefato.com.br/2025/01/10/torcidas-organizadas-para-alem-do-futebol>, 2025.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Exposición - De la grada al carnaval: cuerpos que mueven la ciudad - desde São Paulo, Brasil*. Fotografia. Inst. promotora: La Cabrera, cidade: Granada, Espanha, 2025a.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Exposição - Torcidas-Escolas de samba: o cotidiano invisível do sambar no torcer.* Fotografia. Inst. promotora: RAM – UFBA, cidade: Salvador, Bahia, Brasil, 2025b.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *Uma galeria fotoetnográfica dos Gaviões da Fiel (parte 1): a materialidade do torcer.* Ludopédio, São Paulo, v. 146, n. 26, 2021a.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *Uma galeria fotoetnográfica dos Gaviões da Fiel (parte 2): a materialidade do torcer.* Ludopédio, São Paulo, v. 146, n. 50, 2021b.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *"Que saudade que eu tava de torcer pelo carnaval": um ensaio fotoetnográfico dos Gaviões da Fiel (parte 1)*. Ludopédio, São Paulo v. 155, n. 7, 2022ª.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *"Que saudade que eu tava de torcer pelo carnaval": um ensaio fotoetnográfico dos Gaviões da Fiel (parte 2)*. Ludopédio, São Paulo, v. 155, n. 21, 2022b.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *Retratos do cotidiano: torcedores organizados.* Ludopédio, São Paulo, v. 164, n. 19, 2023.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *As Gavias da Fiel: um ensaio visual das mulheres nas torcidas organizadas de futebol.* GIS - Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia, v. 9, p. 1-19, 2025.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico: e outros ensaios*. São Paulo: Ubu, 2017. 544 p. Tradução de: Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luisa Valentini.

VEDANA, Viviane. *Escutar no som: gravação e edição de etnografias sonoras a partir do paradigma ecológico*. Ilha – Revista de Antropologia, v. 20, n. 1, p. 117-144, 2018.

VEDANA, Viviane. *Paisagens sonoras urbanas: um ensaio sobre as sonoridades das cidades.* In: Raposo, Paulo; Allende, Renck; Head, Scott (org.). Cidades rebeldes: invisibilidades, silenciamentos, resistências e potências. 1ed.Florianópolis: UFSC, 2019.

VELAME, João Vítor. *Uma coleção de desenhos etnográficos: os ritmos e movimentos no ambiente de um mercado público paraibano*. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S.L.], v. 32, n. 2, p. 1-12, 4 dez. 2023.

VELAME, J. V.. *Caderno (Etno)Gráfico: a construção de uma (etno)grafia desenhada sobre os carrinhos presentes em um mercado público brasileiro*. Desde el Sur, 16(2), e0021, 2024.